Pouco depois da morte de Joan Didion, em 2021, foi encontrado um conjunto de cerca de 150 páginas não numeradas num pequeno ficheiro portátil perto da sua secretária. Didion guardava várias coisas nesse ficheiro (as notas que o porteiro tomou na noite de 2003 em que o marido, John Gregory Dunne, morreu; uma cópia do seu discurso no casamento da filha Quintana; registos de marcações no hotel Bristol, em Paris; uma lista de convidados de festas de Natal; palavras-passe de computadores). O conjunto das páginas constitui uma espécie de diário em que Didion relata as sessões com um psiquiatra, a maior parte das quais em 2000. Os depoimentos são dirigidos a John. É ele o «tu» do manuscrito.

As 150 páginas parecem ter sobrevivido apenas nesta cópia, que está agora no arquivo Didion/Dunne, na Biblioteca Pública de Nova Iorque. O arquivo foi aqui colocado pelos herdeiros de Didion, filhos do seu falecido irmão. Não foram aplicadas quaisquer restrições ao seu acesso.

Didion começou a consultar o psiquiatra Roger MacKinnon em 15 de novembro de 1999. Teve seis sessões com ele e a seguir começou a escrever os registos dirigindo-os a John. O diário termina pouco mais de um ano depois do início da terapia. Inclui um relato da única sessão em que John participou, a 7 de junho de 2000, pelo que se pode presumir que os relatos não tinham como único objetivo o de o pôr ao corrente da situação. Ele não precisava de ser informado sobre o que fora discutido nesse dia. Ele esteve lá.

Parte do material do diário foi utilizada em *Blue Nights*, o último livro que Didion escreveu, uma meditação sobre a vida da sua filha. Didion começou a consultar MacKinnon porque Quintana tinha dito ao seu próprio psiquiatra que a mãe estava deprimida e que devia falar com alguém. Didion sentiu que a relação mãe/filha estava no centro dos problemas de Quintana, os quais não estava a conseguir resolver com sucesso, tendo recorrido a MacKinnon. Com o decorrer das sessões de terapia, MacKinnon levou Didion a refletir sobre a sua própria relação com os pais, a culpa, a adoção, o alcoolismo, as suas inseguranças e medos, e a relação entre a sua vida pessoal e o trabalho.

Existe uma carta no computador de Didion, datada de março de 2001, dirigida a um velho amigo na Califórnia, na qual ela descreve os seus recentes «anos difíceis» com Quintana. «Até eu tenho ido a um psiquiatra», escreve, «o que tem sido uma experiência extraordinária e me tornou muito mais aberta do que penso que alguma vez fui.»

29 de dezembro de 1999

Quanto ao facto de não tomar *Zoloft*, eu disse que, durante mais ou menos a hora que se seguiu a tê-lo tomado, sentia que tinha perdido o meu sentido de organização, como se tivesse tomado um ponche antes do almoço nos trópicos. Referi que tinha tentado pensar no assunto, pois sabia que, racionalmente, não podia ser verdade, uma vez que o PDR dizia que, mesmo com o dobro da dose, o efeito só se faz sentir após várias horas e que o pico do efeito ocorre após três a cinco dias de toma regular. Apercebi-me de que tinha uma ideia muito calibrada do meu bem-estar físico, com muito medo de perder o controlo, e de que a minha personalidade estava organizada à volta de um determinado nível de mobilização ou de ansiedade.

Disse então que tinha tentado refletir sobre a ansiedade que manifestei no nosso último encontro. Disse que, apesar de a ter expressado no plano do trabalho — o encontro em Los Angeles, etc. —, me tinha apercebido, quando a discuti contigo, que ela tinha a Quintana como centro.

— Claro que tem — respondeu ele. Falámos então sobre as minhas ansiedades em relação à Quintana. Basicamente, eram de que ela ficasse deprimida a ponto de correr perigo. O sapato a cair, o telefonema a meio da noite, a tentativa de medir a sua temperatura emocional a cada telefonema. Eu afirmei que, de certo modo, isso parecia justificado e que, de outro, seria injusto para ela, porque ela devia sentir a nossa ansiedade, tal como nós sentíamos a dela.

— Suspeito que ela sente a vossa ansiedade de forma muito profunda — respondeu ele.

Eu respondi que aparentemente sim. Ela não só nos tinha dito que sim, como também tinha mencionado isso ao Dr. Kass. Era eu e não tu que ela queria que consultasse um psiquiatra. Ele disse que partia do princípio de que ela tinha lido a ansiedade em nós os dois, mas que algo na relação entre ela e eu a fazia sentir a minha de forma mais aguda, que a levava a fixar-se na minha.

— As pessoas com certos padrões neuróticos fixam-se umas às outras de uma maneira que as pessoas com padrões saudáveis não fazem. Há claramente uma dependência muito poderosa entre si e ela.

Ele queria saber que idade tinha a Quintana quando a recebemos, os pormenores da adoção.[1] Falámos longamente sobre isso e eu disse que sempre tive medo de a perder. Observação de baleias. A hipotética cascavel na hera da Franklin Avenue. Ele disse que, tal como todas as crianças adotadas têm um medo profundo de ser devolvidas, todos os pais adotivos têm um medo profundo de que a criança lhes seja retirada. Se não lidarmos com estes medos na altura em que os temos, deslocamo-los, fixamo-nos obsessivamente nos perigos que podemos controlar — a cobra no jardim —, em oposição ao perigo que não podemos controlar.

— Obviamente, não lidou com esse medo na ocasião. Deixou-o de lado. É esse o seu padrão. Segue em frente, ultrapassa-o, controla a situação através do seu trabalho e da sua competência. Mas o medo continua presente, e, quando descobriu, neste verão, que a sua filha corria um perigo que não conseguia gerir ou controlar, o medo ultrapassou as suas defesas.

[1] Quintana foi adotada em 1966, pouco depois de ter nascido.

Eu disse que podia ter sido superprotetora, mas que nunca pensei que ela me visse dessa forma. De facto, uma vez ela descreveu-me, enquanto mãe, como «um pouco distante».

Dr. MacKinnon:

— Não acha que ela via o seu afastamento como uma defesa? Quando ela própria usa o distanciamento como defesa? Não me acabou de dizer isso? Que ela nunca olha para trás?

Neste ponto, falámos sobre a Quintana e o Stephen, a Quintana e a Dominique.[2] Ele perguntou-me se eu me opunha a que ele discutisse certas coisas que surgiram nas nossas conversas com o Dr. Kass, porque sentia que poderiam ser úteis nas suas conversas com a Quintana. Eu disse que o encorajaria a discutir tudo o que ele achasse que pudesse ser útil.

Voltando à questão de saber porque é que a minha ansiedade era mais perturbadora para a Quintana do que a tua:

— Há algo nela — e isto é muito anterior ao seu nascimento — que a faz pensar que não merece coisas boas. Tenho a certeza de que pensou que teve muita sorte quando receberam a Quintana e também tenho a certeza de que pensaram que não a mereciam, que de alguma forma mereciam perdê-la. Esse é um padrão de pensamento anormal e é o que torna a sua ansiedade natural nesta situação muito mais aguda do que a do seu marido, por exemplo. Vai além do que realmente é. Tem que ver com outra coisa. Cresceu, por qualquer motivo, à espera que acontecesse o pior. Não espera que aconteçam coisas boas. Cresceu, de alguma forma, sem o gene para a negação.

[2] Stephen Dunne, o irmão mais novo de John, suicidou-se em 1980. Tinha 43 anos. Dominique Dunne, sobrinha de John, foi morta pelo antigo namorado em Los Angeles, em 1982. Tinha 22 anos. Dominique e Quintana tinham sido próximos.

5 de janeiro de 2000

O Dr. MacKinnon disse que não sabia que eu conhecia Hilary Califano e que esperava que não fosse perturbador vê-la ali. Eu disse que não era perturbador, mas suscitava a questão do que estavam ali a fazer duas mulheres plenamente adultas — duas mulheres que vivem no mundo e têm os seus sistemas de defesa, para o bem ou para o mal, bastante bem montados.

— Quase sempre — disse ele. — Mas, por vezes, acontecem coisas nas nossas vidas que ultrapassam até as defesas mais bem estruturadas.

Disse-lhe que isto conduzia a algo que ele tinha dito na semana passada e que me interessava: que eu tinha usado desde cedo o meu trabalho e a minha competência como defesa contra o medo de perder a Quintana. Disse-lhe que me tinha ocorrido que as minhas ansiedades em relação ao trabalho e ao dinheiro — que se tornaram muito pronunciadas à medida que o verão se aproximava do outono — eram, em certa medida…

(interrompi)

— Um sintoma — disse ele. — Sem dúvida.

— Mas não é inteiramente um sintoma — respondi. — Algumas das minhas preocupações tinham por base coisas reais.

— Claro que sim. O mundo está a mudar. Valores diferentes tornam-se transacionáveis.

— Exatamente. Mas o mundo tem estado sempre a mudar, e eu sempre lidei com isso. Porém, neste verão, talvez pela primeira vez na minha vida, comecei a sentir-me incapaz de lidar com isso. Pensei que fosse a minha idade. E, em parte, sem dúvida que era. No entanto, esta ansiedade era muito, muito

exacerbada. No que diz respeito ao dinheiro, temos um novo filme, e há outras possibilidades além dessa. Quanto ao meu outro trabalho, o único problema real é arranjar tempo para o fazer. Mas eu estava aterrorizada.

— Isso era a depressão a falar.

— Que resultou da situação com a Quintana este verão.

— Exato.

Disse-lhe que tínhamos tido um fim de semana perturbador nesse aspeto. Ela parecia estar bem, recebera um grande amigo de fora da cidade que compreendeu a situação dela, e até brincámos, quando tive de ir às urgências por causa de uma infeção ocular, sobre passar todos os feriados importantes nas urgências, e que daquela vez não era ela. Depois recebemos o telefonema no domingo, por volta das 12h30. Contei-lhe que tinha ido ao apartamento dela.

— O que é que ela disse que aconteceu? — perguntou ele. Contei-lhe. Ele perguntou-me se ela tinha ido à polícia. Eu disse-lhe que não. Tu tinhas-lhe perguntado onde era a esquadra dela e ela disse que não sabia. Eu disse que ambos tínhamos evitado fazer-lhe muitas perguntas porque parecia demasiado abalada para arriscar o que poderia ser interpretado como um interrogatório.

— Não queriam parecer acusadores — respondeu ele.

Exatamente, disse eu. Não tínhamos a certeza, mas ocorreu-nos a ambos que ela tinha estado a beber.

— Cheirou-vos a álcool, perguntou ele. Eu disse que achava que não, mas as janelas estavam abertas. Era difícil dizer, ela repetia-se, mas não havia qualquer dificuldade na fala.

— Tem um cenário alternativo? — perguntou ele. Eu disse que se tivesse de construir um cenário alternativo — e para compreender as contradições da situação, fi-lo —, seria o de ela

ter deixado os amigos mais cedo, ter ido a um bar e conhecido alguém que acabou por lhe bater ou no bar, ou na rua, ou no apartamento.

— Onde é que estava o sangue? — perguntou ele. Eu disse que estava no chão, entre os pés da cama e a casa de banho.

— Então não estava na entrada do apartamento — disse ele. Percebi onde ele queria chegar.

Disse então que uma das coisas que nos incomodava, a ambos, em relação aos AA — não aos AA como ideia, mas aos AA na sua forma mais implacável — era o facto de aquele tipo de fracasso teatral parecer estar incorporado neles. Pressupõe o tudo ou o nada. Se quisermos beber e cedermos, não acabamos apenas com uma ressaca e um caso de culpa como na vida real, mas acabamos na sarjeta ou num bar a engatar alguém que nos vai bater.

— Está a partir do princípio de que se trata de bebida — disse.

Não, disse eu. Acho que não se trata de bebida. É aí que quero chegar.

Disse-lhe que tínhamos falado sobre isso e que queria falar com a Quintana sobre o assunto. Mas houve uma série de obstáculos. Ela estava ocupada, ou não queria sair duas noites seguidas, pelo que não a podíamos ver antes do fim de semana, e então não me surpreenderia que surgissem mais obstáculos. Entretanto, ao telefone, ela tinha-me parecido bem, uma tempestade de eficiência — ainda hoje, recebi um cheque de reembolso médico com a papelada toda bem destacada, pronta a ser arquivada. Por isso, agora não sabia. Seria produtivo ou contraproducente falar disto passados tantos dias?

— É lógico sentir isso. É uma questão de saber o que ela espera que façam. Alguns filhos adultos — e penso que este é um desses casos — têm a capacidade de colocar os pais em

situações praticamente impossíveis. Se os confrontarmos, o inconsciente deles diz-nos que nunca confiamos neles, para quê incomodarmo-nos, porque não fazer o que quero e mentir sobre isso. Se não os confrontarmos, a mesma mente inconsciente diz que isso prova que não os amamos, que não nos preocupamos com eles. É como as crianças pequenas. Veem-me a brincar na rua e nem se importam que eu seja atropelado, dizem elas, mas se corremos para a rua atrás delas, dizem que não as deixamos crescer. Pergunto a mim mesmo que ideia terá ela da forma como você e o pai exprimem o vosso amor por ela — precisará de que a protejam demasiado? Precisará de que a acusem, de que a repreendam? É essa a única ideia que ela tem de ser amada? As crianças pensam muitas vezes assim, mas no desenvolvimento normal há uma altura em que ultrapassam essa fase.

— Eu sei que uma das coisas que o Dr. Kass está a tentar fazer com a Quintana — e uma das razões pelas quais queria que [o Dr. MacKinnon] me visse — é quebrar este padrão em que ela a prepara para reagir de uma determinada forma que você acaba por concretizar.

» Penso que poderia falar com ela de uma forma indireta. Acho que pode dizer que gostaria de saber como é que ela pensa que expressa o seu amor por ela. Porque se ela acha que, se exprime o seu amor através de queixas, acusações ou proteção, deve falar sobre isso, e ela deve falar sobre isso com o Dr. Kass. Esse é o padrão que suspeitamos que existe, e esse é o padrão que temos de quebrar.

Como é que a maioria das crianças o faz?, preguntei.

— Crescem.

Em que altura, perguntei. Como?

— Confiança. Elas passam a acreditar que os pais confiam nelas.

12 de janeiro de 2000

Eu disse que no final da hora da semana passada ele tinha dito qualquer coisa sobre a confiança ou falta de confiança entre mães e filhas — sentir-se confiante é a chave para a separação, para o crescimento —, que eu tinha descartado como não relevante, não significativo para mim.

Disse que, contudo, tinha permanecido na minha mente e que, mais tarde nessa noite ou no dia seguinte, me tinha lembrado de uma nota que escrevi quando estava a tomar notas para o meu último romance. Teria feito a anotação algures depois da morte do meu pai — a morte do meu pai era parte do impulso por detrás daquele romance em particular —, mas não era sobre o meu pai, era sobre a minha mãe. Procurei-a e foi interessante, porque parecia indicar alguma desconfiança ou mal-entendido entre mim e a minha mãe.

Mostrei-lhe a nota. Bem, sim, disse ele. É isso mesmo.

Que perspicácia extraordinária.

Extraordinária ou não, disse eu, não é grande ajuda para enfrentar a vida. É até contraproducente, tendo em conta que a minha mãe tem agora oitenta e nove anos. A verdade é que não vamos resolver nada ao confrontarmo-nos com isto.

Não se trata propriamente de uma questão entre si e a sua mãe, não acha? Não será mais uma questão de resolver a forma como você e a sua filha lidam uma com a outra? Uma vez que todos nós trazemos na nossa mente pequenos pedaços das nossas mães e dos nossos pais, não é possível que tenha estado a replicar algum padrão desse tipo com a sua própria filha?

Disse-lhe que, na verdade, já o tinha mencionado ao jantar numa dessas noites. Ela mostrou-se interessada no assunto, mas a conversa passou do âmbito pessoal para a discussão das posições políticas na década de 1950.

Foi um bom início, disse ele. Podiam reabrir o assunto noutra altura. Quanto mais falarem uma com a outra, mais se vão aproximando do tema.

Disse-lhe que, neste momento, não sabíamos em que ponto estávamos em relação a ela. Ela tinha parecido muito aberta durante algum tempo depois de ter deixado de beber, mas agora parecia outra vez fechada, resistente. A certa altura, por exemplo, pediu-me para ir com ela a uma reunião dos AA, e eu fui. Fomos à igreja e depois à reunião, e encontrámo-nos para almoçar, e foi um dia muito bom e franco. Depois chegámos às férias, ela estava ocupada e quando lhe perguntei recentemente se podia ir a outra reunião com ela, ela resistiu. Disse que não era boa ideia trazer pessoas de fora. Sinceramente, eu nem sequer sabia se ela própria ia.

Quer saber como fazê-la ir?, perguntou ele. Vá você mesma a uma reunião dos Al-Anon. Vá mais de uma vez. Tem de encontrar uma que tenha gente que corresponda ao seu próprio nível intelectual e socioeconómico, mas isso não é grande problema em Manhattan. Se ela souber que o está a fazer, é noventa por cento mais provável que ela mesma vá. E acho que ela precisa de um programa. Só a psiquiatria não a vai ajudar.

Eu disse que tinha um problema com os Al-Anon.

— Claro, e ela tem um problema com os AA — respondeu ele. — E vai dizer que a alcoólica é ela, não é você. E eu vou dizer que é a mãe de uma alcoólica e que ela não vai continuar no programa se achar que você não confia nele. Posso até dizer que tem um problema com os Al-Anon, que tem um problema

com grupos, que não confia neles, que não sabe qual é o seu objetivo. Isso faz-lhe lembrar alguma coisa da sua mãe?

Eu disse que me parecia um exagero, mas que ia pensar no assunto.

— Vou atribuir-lhe alguns trabalhos de casa — disse ele. — Comecei por fazer a análise freudiana tradicional, apenas a ouvir, mas depois fiquei insatisfeito com os resultados, por isso incorporei algumas técnicas dos behavioristas. Os behavioristas usam os trabalhos de casa para encurtar o processo. Aqui está o vosso trabalho de casa. Mostre mesmo à sua filha o bilhete que me mostrou. Não lhe conte, mostre-lhe, porque é um documento e tanto. Diga-lhe que mo mostrou a mim. E se ela perguntar pelo que eu disse, diga-lhe que perguntei se era da sua mãe.
E se ela perguntar pelo que eu disse, diga-lhe que perguntei se a desconfiança da sua mãe em relação às outras pessoas se refletia na sua desconfiança em relação aos Al-Anon. Veja o que ela diz. Acho que talvez fique surpreendida com o que isso lhe vai abrir.

Eu disse que ia ver.

— Acho que o que ouço na sua voz é exatamente o que ouve na voz da sua filha quando lhe pergunta sobre os AA.

Disse-lhe então que também lhe queria mostrar um poema que a Quintana escreveu quando tinha uns seis anos, na praia. Mostrei-lhe o poema. Ele ficou muito impressionado com a forma como ela se exprimia, como se tivesse «nascido escritora». Disse-lhe que a solidão do poema me tinha impressionado, porque nunca tinha visto aquilo cara a cara com ela. Já nessa altura ela dissimulava os seus sentimentos.

— Ela deve ter tido algum motivo extraordinário para o fazer.

Respondi-lhe que se referia à adoção, mas que havia outras coisas que podiam ter sido traumáticas para ela, nomeadamente a morte do Juan Carlos, sobre a qual ela nunca falava, mas

depois da qual passara a sonhar com uma figura da morte que a vinha buscar. Contei-lhe que tinha vindo para Nova Iorque com a Quintana e a Rosie no outono, depois da morte do Juan Carlos, e que a Rosie tinha ido para casa e a Quintana tinha sido cuidada por uma empregada da agência. E mais tarde ela mencionou que a Sra. Fulana era má, e eu perguntei-lhe pelo porquê de ela não mo ter dito na altura, e ela disse: «Pensei que o teu trabalho era trabalhar para o Sr. Preminger e que o meu era ser tratada pela Sra. Fulana.»

— Portanto, de certa forma, ela não se considerava uma criança — disse ele. — Ela via-se como detentora de verdadeiras responsabilidades de adulta.

Eu disse que supunha que sim, e que também supunha que era natural, ou tão natural quanto possível, numa situação relativamente invulgar: ambos trabalhávamos em casa, ela era a filha única, não havia a questão dos adultos de um lado e das crianças do outro, estávamos todos juntos naquilo.

Disse-lhe que ela foi à sua primeira reunião, na agência William Morris, quando tinha três anos. Contei-lhe o desfecho.

— Ela estava preocupada com o dinheiro — disse ele. — Estava preocupada com algo que não podia influenciar, um assunto de adultos.

Perguntei se ele estava a afirmar que não tinha havido separação suficiente entre ela e os problemas da nossa vida quotidiana. Respondi-lhe que isso era algo de que gostávamos na nossa vida familiar: estávamos os três juntos.

— Dada a situação — disse ele —, atrever-me-ia a dizer que ela foi provavelmente exposta a mais do que aquilo com que estava preparada para lidar. Ela era uma criança, vocês eram adultos, e, no entanto, nalguma parte da sua mente, começou nitidamente a sentir-se responsável por vocês.

19 de janeiro de 2000

Eu respondi que tinha, efetivamente, feito os trabalhos de casa que me haviam sido atribuídos. Quando a Quintana veio jantar na segunda-feira à noite, eu disse que, «depois de um fim de semana difícil, sobre o qual falarei mais tarde», tinha mencionado na cozinha que mostrara ao Dr. MacKinnon algumas notas que tinha tirado sobre a minha mãe e que ele me tinha feito uma pergunta acerca da qual eu queria falar com ela. Mostrei-lhe os apontamentos e disse-lhe que a pergunta do Dr. MacKinnon era se eu achava que a desconfiança da minha mãe em relação a grupos, às possíveis agendas de outras pessoas, tinha alguma coisa que ver com a minha própria resistência aos Al-Anon, assunto que já tinha surgido anteriormente. Eu disse que, nessa altura, tu [John] tinhas entrado na cozinha e que a conversa se desviou um pouco, mas depois a Quintana disse: «Espera, quero voltar ao que a mãe estava a falar.» Surpreendentemente, quando ela reformulou a minha pergunta, traduziu-a da seguinte forma: «Queres dizer que a tua resistência aos Al-Anon tem alguma coisa que ver com a minha resistência aos AA?»

— Excelente — disse o Dr. MacKinnon. — Toda a gente recebe um A neste teste. O que é que respondeu?

Eu disse que tinha dito que supunha que era isso que queria dizer, sim. Ela respondeu: Disse que talvez fosse isso, sim. Disse que ultimamente tinha resistido aos AA — supunha que tinha uma má impressão por causa da Molly, a madrinha, mas concluiu que tinha faltado e, na verdade, planeava ir a uma reunião na noite seguinte.

— Então, arranje um novo padrinho — disse o Dr. MacKinnon.

Eu disse que era isso que tinha dito e que tínhamos discutido «padrinhos» com a Quintana por um minuto ou dois, e depois a Quintana voltou a trazer a conversa para a minha pergunta original. O que é que eu estava verdadeiramente a perguntar, quis ela saber.

Eu disse que supunha que estava a perguntar se ela achava que eu ir para os Al-Anon a poderia ajudar.

Sim, disse ela, acho que sim. Eu respondi que, nesse caso, iria, e, de resto, estávamos a pensar ir a uma reunião no fim de semana.

— Isso é muito positivo — disse o Dr. MacKinnon. — Ótimo. Deixe-me continuar. Referiu que o seu marido passou a fazer parte da conversa. Isso traz à tona uma coisa que o Dr. Kass discutiu comigo. De acordo com o Dr. Kass — e lembre-se de que isto é o meu relato do que o Dr. Kass pensa que a Quintana lhe está a dizer, por isso há vários níveis de desvio ou possível erro —, «a Quintana tem a forte sensação de que, quando lida consigo e com o seu marido, está a lidar com uma única pessoa, que nenhum de vocês, particularmente vocês, tomará uma posição independente, que se defendem um ao outro contra ela».

Eu disse que achava que era assim que os pais se deviam comportar perante os filhos. Disse também que, pelo contrário, como lhe tinha dito de passagem noutro contexto, tinha sentido muitas vezes, ao longo dos anos, que estava de alguma forma posta entre os dois, sendo conciliadora em relação a cada um de vós, impedindo-vos de se confrontarem.

Disse que se lembrava de eu o ter dito e que, efetivamente, o havia mencionado ao Dr. Kass, o que o surpreendeu.

Eu disse que era verdade: só uma vez, que eu me lembre, me zanguei contigo à frente ou com a Quintana, e a reação dela foi tão alarmante que me fez desistir de voltar a fazê-lo. Foi o famoso incidente dos ovos mexidos, na sequência do qual, quando eu estava no duche com ela a tentar lavar o cabelo e a impedi-la de gritar «odeio-o», disse que não íamos viver mais com ele, que íamos para Sacramento ainda de manhã e que eu decidia o que fazer a partir daí. Ela começou então a soluçar: «Não podes, não podes, o que é que o pai vai dizer, o que é que o pai vai fazer, por favor, eu não vou contigo, tu não podes ir», etc.

— Percebeu mal — disse o Dr. MacKinnon. — Ela não o queria perder, só queria manifestar a sua raiva livremente.

P: E eu não a deixei? Eu levei-a para a zona de perigo? Este padrão é parte do motivo pelo qual ela tem dificuldade em expressar raiva?

Ele disse que a Quintana parece sentir que não pode ter uma conversa independente com nenhum de nós, que o outro está sempre presente. Eu disse que era assim que tu e eu vivíamos, estávamos sempre juntos.

— Acho que precisa de encontrar algum tempo a sós com ela — disse ele. — Fazer uma pequena viagem.

Disse-lhe que tinha feito uma viagem com ela há vários anos, a Monument Valley, e que a achara tão gratificante que, desde então, me tinha instigado a repetir a experiência, mas que, devido à agenda dela e à minha, não tinha calhado.

— Tem de se planear em função dos horários dela — disse ele. — Faça isso.

Disse-lhe que talvez fosse boa ideia irmos sozinhas ao casamento da Lori[3] — a que tínhamos planeado ir os três, mas

[3] Lori Didion Hunt é a filha do irmão de Joan, Jim.

que era uma oportunidade natural e iminente para ela e eu irmos sozinhas.

— Isso é ótimo. Tirem uns dias extras, deixem-na levar-vos até ao Big Sur, onde vos apetecer, caminhem na praia, vão dar por vocês a falar e não vai parecer forçado para ela, acho que vão descobrir que há uma grande recompensa nesta pequena viagem que não estava planeada.

Eu disse que talvez sentisses que a tua ausência fosse notada pela minha família.

— Você, o seu marido e a Quintana têm problemas maiores do que a sua família pode ou não pensar, e certamente não pensaria.

Disse que tinha sido um fim de semana difícil para ti, para mim e para ela. Expliquei a narrativa do Nick[4], através do *e-mail*, do telefonema de quinta-feira, do telefonema de sábado e, depois, [do que tinha ficado] mais ou menos decidido ao jantar de segunda-feira à noite.

— Foi mais difícil para o seu marido — disse ele. — Ele tinha dito a si próprio que podia confiar no irmão, descobriu que estava enganado, que tinha cometido um erro, e isso fê-lo sentir-se terrivelmente culpado.

Também o deixou zangado, disse eu.

— Ele ficou zangado porque se sentiu culpado. É bom relembrar este facto. Os pais de crianças com problemas emocionais tendem a sentir-se culpados, sem esperança — o que fizeram de errado, o que podiam ter feito de diferente, onde é que tudo se desmoronou —, e, por vezes, demonstram-no ficando zangados. Quando as pessoas se zangam, quando

[4] Dominick («Nick») Dunne era o irmão mais velho de John. Tiveram uma relação tensa, e por vezes hostil, durante muitos anos.

se descontrolam, normalmente estão a sentir-se culpadas, zangadas consigo próprias, porque deviam ter feito melhor, etc.

É evidente, disse eu. Em todo o caso, quando jantámos, na segunda-feira à noite, o assunto estava mais ou menos resolvido. Toda a gente tinha dito o que tinha a dizer, coisa que nós os três nem sempre fazemos.

— Está a tornar-se muito mais aberta. Penso que quando nos tornamos mais abertos, descobrimos que as outras pessoas são mais abertas à nossa volta. Eu e você falamos, você e o seu marido falam, você e a sua filha falam — muitas vezes, nestas situações, toda a família acaba por ser tratada por procuração.

Disse-lhe que toda esta experiência (desde julho) tinha sido uma grande aprendizagem para nós os dois.

— Claro que foi — disse ele —, e aprender dói, aprender pode ser muito doloroso, temos de abrir coisas que preferíamos esquecer. Se for demasiado doloroso para o seu marido, eu ou o Dr. Kass podemos recomendar-lhe alguém com quem ele possa falar, tal como nós falamos.

Eu disse que uma amiga tinha falado nisso no jantar de domingo e que o senhor tinha dito o que diz sempre: «Sou católico, temos a confissão.» E ela perguntou-lhe: «Quando foi a última vez que se confessou?» Isto pareceu divertir imenso o Dr. MacKinnon. Ele riu-se e disse que até podia recomendar um padre/psiquiatra católico, um jesuíta, que ele havia treinado, que tinha uma paróquia em Manhattan e um escritório na Quinta Avenida, e que este ano ia ser presidente do Clube Lotos, por isso cobria todas as bases (ainda a rir), tudo o que o seu marido tem de fazer é dizer a palavra. «Uma vez, quando ele era interno, estava a fazer uma entrevista de avaliação com uma doente deprimida, entrou e saiu em cinco

minutos, encarou a consulta como se estivesse a confessá-la, e resultou. Podem imaginar a inveja dos outros internos, ele tinha aquela magia e eles não.»

Disse-lhe que, por vezes, achava que para nos sentirmos bem bastava uma conversa ou um jantar com a Quintana quando ela estava acordada.

— Isso é outra coisa que o Dr. Kass mencionou — disse ele. — Ele disse que a Quintana parece sentir esta pressão intensa de ambos, unidos, para ir lá a casa, jantar, estar presente.

Eu disse que o Dr. Kass nos tinha dito isso e que, desde então, tínhamos tentado não pressionar a Quintana para vir jantar. A ponto de, mesmo quando quatro dos seus primos vieram jantar no sábado, me ter sentido um pouco desconfortável em convidá-la. E, de facto, não lhe tínhamos perguntado. Foi a prima dela.

— Ela ainda sente a pressão — disse ele.

— Como é que podemos não a querer ver? — perguntei. — Estamos preocupados com ela. Só podemos saber se está bem se estivermos em contacto com ela.

— Têm de se desligar — disse ele. — Não se preocupe. Estão a conseguir.